

Imigração e privatização dos recursos naturais na África durante o colonialismo alemão (1884-1914)¹

Sílvio Marcus de Souza Correa

Introdução

No século XIX, milhões de alemães migraram para várias partes do mundo, inclusive para regiões tropicais e subtropicais. De 1871 a 1914, a população da Alemanha passou de 41 milhões para 60 milhões (WESSELING, 2002, p. 204). Em torno desse mesmo período, quase três milhões de alemães deixaram a Alemanha.² A África foi o destino de alguns milhares, sendo que a maioria se instalou no sudoeste africano. Durante o colonialismo alemão houve uma série de controvérsias sobre o devir da imigração alemã em áreas tropicais e subtropicais, principalmente nas novas colônias na África (*Togo, Kamerun, Deutsche Südwest-Afrika, Deutsche Ost-Afrika*). Além dessas colônias no continente africano, um enclave portuário na China e ilhas no Pacífico (Samoa, Nova Guiné, arquipélago Bismarck, etc.) fizeram parte dos territórios ultramarinos do II Reich.³

Em regiões tropicais e subtropicais, as colônias alemãs entraram em competição ecológica com comunidades locais, o que promoveu não apenas mudanças na economia tradicional de várias localidades como também impactos ambientais. Durante o colonialismo, as mudanças antrópicas na natureza tropical e subtropical foram responsáveis pela redução da biodiversidade e pela extinção ou redução de espécies nativas em determinadas regiões, além de poluição do solo e dos rios, etc. Acrescenta-se ainda uma série de novas pragas e a invasão biológica de espécies exóticas no rol dos problemas ecológicos relacionados à história ambiental da África colonial.

Com base em fontes hemerográficas como *Windhoeker Anzeiger, Lüderitzbuchter Zeitung, Swakopmunder Zeitung, Deutsch-Südwestafrikanischer Zeitung, Deutsch-Ostafrikanischer Zeitung* e também de revistas como *Kolonie und Heimat* ou *Der Tropenpflanzer*, busca-se demonstrar a seguir como foram privatizados os recursos naturais em regiões tropicais e subtropicais do continente africano durante o colonialismo alemão. Tal apropriação não se

¹ O presente trabalho é resultado de um projeto de pesquisa intitulado Germânicas Tropicais, realizado junto ao Laboratório de Imigração e História Ambiental (www.labimha.ufsc.br) com auxílio financeiro do CNPq. Uma versão preliminar desse artigo foi apresentado no Simpósio Internacional de História Ambiental e Migrações, Universidade Federal de Santa Catarina, 13 a 15 de setembro de 2010, Florianópolis – SC.

² “Die Auswanderung nach überseeischen Ländern”, in *Kolonie und Heimat*. In *Wort und Bild*, Berlin, 26.02.1911.

³ Para uma síntese histórica das colônias alemãs no Ultramar, ver GRÜNDER, Horst. *Geschichte der deutschen Kolonien*. 5. Auflage, Paderborn : Schöningh, 2004.

reduz a uma lógica econômica do capitalismo, mas também traduz uma forma de dominação da cultura (alemã) sobre a natureza (tropical e subtropical). Cabe ainda salientar que a apropriação dos recursos naturais foi justificada na imprensa metropolitana e colonial de língua alemã, que também atribuía aos alemães certo protagonismo enquanto “pioneiros da civilização” (*Pionieren der Kultur*). Desse modo, o colonialismo alemão transferiu para a África uma variante da dicotomia ocidental entre cultura e natureza.⁴ Para o caso europeu, essa antítese germânica foi tratada por Norbert Elias no primeiro capítulo do seu livro intitulado “Sobre o processo civilizatório” (ELIAS, 1939).⁵ Para o caso africano, a nova historiografia alemã tem cotejado o projeto de “domesticação da natureza tropical” por meio de medidas adotadas pelas autoridades coloniais, inclusive pautadas pela medicina tropical.⁶ Os efeitos dessa domesticação da natureza foram catastróficos e alguns exemplos (extinção de espécies, degradação de biomas e ecossistemas, etc.) serão tratados a seguir.

A imigração alemã na África tropical e subtropical

Poucas semanas depois do término da Conferência de Berlim, o Dr. Rudolf Virchow (1821-1902) fez um discurso no *Reichstag* que causou grande impacto entre os parlamentares favoráveis à expansão colonial.⁷ O médico e deputado duvidava da possibilidade de aclimatação dos alemães em regiões tropicais (LORENZ, 2008, p. 34). Outros médicos e cientistas acreditavam que as condições mesológicas dos trópicos concorriam para a degenerescência dos europeus. No entanto, a Conferência de Berlim havia assegurado vantagens à participação da Alemanha na “Partilha da África”. Cabe ressaltar que muitos médicos alemães, como Ernst Below (1845- 1910) e Robert Koch (1843-1910), aderiram ao projeto colonial do II Reich e defenderam a expansão germânica em zonas tropicais.⁸

⁴ Sobre a visão colonial sobre a natureza, ver ADAMS, William M. “Nature and the Colonial Mind,” in ADAMS, W.; MULLIGAN, Martin (eds) *Decolonizing Nature: Strategies for Conservation in a Post-Colonial Era*. London, 2003, p.16–50.

⁵ Outros escritores alemães trataram, igualmente, da relação entre cultura e natureza como, por exemplo, o naturalista Curt Grottewitz (1866-1905). GROTTTEWITZ, Curt. *Der Mensch als Beherrscher der Natur*. Berlin: Der Bücherkreis, 1928.

⁶ WÄCHTER, H. Jürgen. *Naturschutz in den deutschen Kolonie in Afrika (1884-1918)*. Berlin: Lit Verlag, 2008; STRANDMANN, Hartmut Pogge von. *Imperialismus vom Grünen Tisch. Deutsche Kolonialpolitik zwischen wirtschaftlicher Ausbeutung und „zivilisatorischen“ Bemühungen*, Berlin: Ch.Links-Verlag, 2009; ISOBE, Hiroyuki, *Medizin und Kolonialgesellschaft: Die Bekämpfung der Schlafkrankheit in den deutschen Schutzgebieten. Tropenmedizin vor dem Ersten Weltkrieg*, Berlin: LIT Verlag, 2009.

⁷ VIRCHOW, R. Rede vor dem Reichstag, Sten. Bericht des Reichstags, Bd.82, Sitzung von 16.03.1885, p.1855-62.

⁸ Às vésperas da Conferência de Berlim, 250 médicos faziam parte da Deutsche Kolonialverein (DKV). Em 1903, o número deles ultrapassou 1500 junto à deutsche Kolonialgesellschaft, instituição que sucedeu a DKV. Cf. ECKART, Wolfgang. *Die Medizin und das „Grossere Deutschland“*. *Kolonialpolitik und Tropenmedizin in*

A Sociedade de Colonização Alemã recorreu ao parecer de médicos para tratar das possibilidades de instalação dos alemães na América, África, Ásia e Oceania. Chegou-se a formar uma comissão de especialistas para tratar do assunto e cujo parecer recomendava cuidados à saúde dos imigrantes alemães em clima tropical. Em 1889, outra comissão, sob a direção do Dr. Virchow também elaborou um parecer semelhante (LORENZ, 2008, p. 34).

Uma série de fatores favorecia, no entanto, a expansão colonial do império alemão. Para isso, a medicina tropical se constituiu numa ciência instrumental do colonialismo (ECKART, 1990). Do final do século XIX até os primeiros anos do século XX, Robert Koch e outros médicos alemães participaram de várias expedições pela África para estudar doenças tropicais como cólera, malária e a doença-do-sono. Mas apesar de todo o investimento em medicina tropical, o governo alemão jamais logrou contingente significativo de imigrantes alemães para as colônias na África. Em janeiro de 1911, por exemplo, ainda se discutia as condições mesológicas da colônia de *Kamerun* para a imigração alemã, pois havia restrições às regiões de florestas tropicais, especialmente devido à malária.⁹ Além da imigração alemã em área subtropical do Brasil, discutia-se também na imprensa em língua alemã as possibilidades da imigração para regiões altas na África Oriental.¹⁰

Além de charcos, pântanos e florestas em áreas tropicais e do deserto ou estepes de áreas subtropicais, as cidades portuárias também apresentavam problemas para a saúde dos alemães. Desde os primeiros anos do colonialismo alemão na África, cólera, malária, febre amarela e tripanossomíase africana eram algumas doenças tropicais que preocupavam as autoridades coloniais, soldados, comerciantes, missionários e colonos.¹¹ Campanhas de saneamento, divulgação de informações de higiene tropical e expedições científicas para o estudo de doenças tropicais foram realizadas nas colônias alemãs.

A falta de médicos nas colônias também foi tema dos jornais.¹² Na África oriental, por

Deutschland, 1884- 1914. Berichte zur Wissenschaftsgeschichte 13 (1990) 129- 139 .

⁹ “Über die Frage der Besiedlungsfähigkeit von Kamerun”. *Kolonie und Heimat*. In *Wort und Bild*. Berlin, 22.01.1911. p.14; “Über die gesundheitlichen Zustände in Nord-Kamerun”, *Kolonie und Heimat*. In *Wort und Bild*. Berlin, 29.02.1911. p.14

¹⁰ Ver, por exemplo, artigos do Dr. Wilhelm Lehmann “Südbrasilien als Ziel deutscher Auswanderung”, *Kolonie*, SantaCruz, 23, 26 e 28 de janeiro de 1909, e os artigos do sanitarista Dr. Däubler: “Die Ansiedlung von Deutschen in tropischen Hochländer”, *Deutsch-Ostafrikanische Zeitung*, Dar es Salaam, 06 de agosto de 1911; “Die Ansiedlung von Deutschen in tropischen Hochländer (II)”, *Deutsch-Ostafrikanische Zeitung*, Dar es Salaam, 09 de agosto de 1911; artigo do Dr. Th. Förster: “Die Ansiedlung von Deutschen in tropische, deutschen Kolonien” *Deutsch-Ostafrikanische Zeitung*, Dar es Salaam, 13 de setembro de 1911; ainda os artigos “Die Eignung Deutsch-Ostafrika als Ziel für die deutsche Auswanderung” *Deutsch-Ostafrikanische Zeitung*, Dar es Salaam, 07 de outubro de 1911; “Die Besiedlungsmöglichkeit Ostafrikas”, in *Kolonie und Heimat*. In *Wort und Bild*. Berlin, 05.02.1911. p.14

¹¹ Os europeus trouxeram suas doenças fatais, como a tuberculose, para o continente africano. Cf. ILIFFE, John. *East African doctors: a history of the modern profession*, Cambridge University Press, 1998, p.10.

¹² Por exemplo: “Die Artzeorganisation und die Kolonialärzte”, *Deutsch-Ostafrikanische Zeitung*, Dar es

exemplo, a entrada oficial de médicos alemães se deu junto à expedição do comissário imperial Hermann von Wissmann em 1889. A princípio, a missão dos médicos era cuidar da saúde dos alemães e não a dos nativos.¹³ No entanto, já havia hospitais e lazaretos dos missionários que se ocupavam também com a saúde dos habitantes locais. Em Dar es Salaam, as autoridades coloniais tentaram sanear a cidade desde a epidemia de cólera no final do século XIX. Em relação à malária e a disenteria, endêmicas em Dar es Salaam, também medidas de higiene tropical foram decretadas e mesmo plantação de coqueiros para drenar o solo foi realizado pelas autoridades coloniais (SEIDEL, 1898, p. 19). Diante de epidemias, muitas cidades portuárias passaram por reformas urbanas orientadas por preceitos científicos de higiene. Porém, a rede de transporte cada vez mais expandida deixava as cidades portuárias mais expostas às doenças tropicais.

Se a saúde dos imigrantes alemães exigia cuidados nos trópicos, a economia também tinha seus caprichos. Nesse sentido, geografia, botânica, veterinária e outras ciências foram decisivas para o estabelecimento de uma economia colonial em áreas tropicais e subtropicais no continente africano. Alguns botânicos e geógrafos alemães estudaram as condições mesológicas das regiões tropicais e subtropicais, seus diferentes biomas e ecossistemas, bem como seus recursos naturais, a fim de promover a economia colonial.

Ferdinand Wohltmann (1857-1919) foi um desses cientistas e seu manual de agricultura tropical orientou alguns projetos agrícolas durante o colonialismo alemão.¹⁴ Em 1888, ele esteve pela primeira vez na colônia alemã de Kamerun. Sobre as plantações naquela colônia, Wohltmann escreveu artigos.¹⁵ Um ano depois, fez uma viagem de estudos ao Brasil meridional sob os auspícios da *Hamburger Kolonisationsverein*. Entre 1896 e 1903, Wohltmann fez algumas expedições científicas pelas “Alemanhas tropicais” do Togo, Kamerun, da África Oriental e de Samoa. Leo Waibel (1888-1951) foi outro desses cientistas alemães que esteve nas regiões subtropicais do sudoeste africano e do Brasil meridional, conhecendo *in loco* a realidade da imigração alemã em ambas as margens do Atlântico Sul.

Além das publicações científicas sobre a agricultura tropical, como a revista *Der Tropenpflanzer*, outras publicações destacaram a viabilidade do projeto colonial. A revista

Salaam, 18 de junho de 1910.

¹³ Idem, p.58.

¹⁴ Handbuch der Tropischen Agrikultur für die deutschen Kolonien in Afrika auf wissenschaftlicher und praktischer Grundlage. Bd. 1: Die natürlichen Faktoren der Tropischen Agrikultur und die Merkmale ihrer Beurteilung. Verlag Duncker & Humblot Leipzig 1892.

¹⁵ WOHLTMANN, F. Der Plantagenbau in Kamerun und seine Zukunft. Drei Reiseberichte. Berlin: Verlag F. Telge, 1896. Do mesmo autor ver: Bericht über seine Togo-Reise. Ausgeführt im Auftrage der Kolonial-Abteilung des Auswärtigen Amtes im Dezember 1899. in Der Tropenpflanzer. Beihefte Bd. 1, Nr. 5., Berlin, 1900.

Kolonie und Heimat in Wort und Bild, editada pela Liga Feminina da Sociedade Alemã de Colonização, trazia em seus números uma série de matérias sobre a economia colonial e sobre temas como a adaptação ao clima ou a prosperidade dos imigrantes nos trópicos, etc. Conforme a propaganda colonial, a África “se germaniza”, especialmente a colônia do sudoeste africano, onde se vivia “quase como no meio rural na Alemanha”.¹⁶

A colônia alemã do sudoeste africano, atual Namíbia, foi a colônia considerada ideal para a imigração alemã, malgrado as condições desérticas, a escassez de água e outras adversidades naturais. Como o discurso científico orientava o projeto de colonização alemã a preferir áreas subtropicais, a imigração alemã para o sudoeste africano foi em maior número do que aquela para as outras colônias alemãs na África.

Além das dificuldades de promover a migração alemã para as colônias na África, a Sociedade de Colonização Alemã se preocupou com a reprodução biológica e cultural dos alemães no continente africano. Nesse sentido, algumas associações na Alemanha se encarregaram de engajar mulheres ao projeto colonial do II Reich. Entre outras, destacou-se a já mencionada Liga Feminina da Sociedade de Colonização Alemã. Ela fez muita propaganda colonial, principalmente por meio de sua revista já mencionada e foi também responsável pelo envio de mulheres brancas para as colônias alemãs.¹⁷ Um dos seus objetivos era a manutenção do germanismo nas colônias que parecia esmaecer pelo baixo contingente de mulheres alemãs. Além de defender a endogamia entre os imigrantes alemães, a Liga se preocupava com a reprodução cultural das novas gerações; para isso, acreditava-se que a mulher tinha um papel cultural importante no espaço privado do mundo colonial seja como esposa, mãe e dona-de-casa. A propósito, o pan-germanismo e a ideologia colonial valorizavam o papel da mulher enquanto “portadora da cultura [alemã]” (*Kulturträgerin*) (WALGENBACH, 2005).

Apesar de muito rarefeita nas colônias do Togo e Kamerun e mais expressiva nas colônias da África oriental (atual Tanzânia) e do sudoeste africano (atual Namíbia), a imigração alemã foi elementar à economia colonial cujas principais atividades se resumiam à exploração dos recursos naturais.

¹⁶ Kolonie und Heimat. In Wort und Bild, Berlin, 21.11.1909.

¹⁷ Sobre o tema, ver, por exemplo: SMIDT, Karen. 'Germania führt die deutsche Frau nach Südwest' Auswanderung, Leben und soziale Konflikte deutscher Frauen in der ehemaligen Kolonie Deutsch-Südwestafrika 1884 - 1920. Eine sozial- und frauengeschichtliche Studie. Magdeburg, 1997; CARSTENS, Cornelia, und Gerhild Vollherbst. „Deutsche Frauen nach Südwest!' - Der Frauenbund der Deutschen Kolonialgesellschaft." In Kolonialmetropole Berlin, von Ulrich van der Heyden und Joachim Zeller, 50-56. Berlin, 2002; DIETRICH, Anette. 'Weiße Weiblichkeiten'. Konstruktion von 'Rasse' und Geschlecht im deutschen Kolonialismus. Bielefeld, 2007; TODZI, Kim Sebastian. Rassifizierte Weiblichkeit. Der „Frauenbund der deutschen Kolonialgesellschaft“ zwischen weiblicher Emanzipation und rassistischer Unterdrückung, Universität Hamburg, 2008.

Economia colonial e recursos naturais na África tropical

Na África colonial sob domínio alemão houve uma degradação de biomas e ecossistemas causada pelos processos de privatização da agricultura, da pecuária, da mineração, da pesca, da caça, etc. No Togo e Kamerun, o impacto ambiental da pecuária foi menor do que nas colônias alemãs do sudoeste africano e da África oriental. Na colônia de Kamerun, algumas projeções de Ferdinand Wohltmann permitem supor alterações profundas na paisagem de algumas regiões, mas cujos impactos ambientais não foram considerados (WOHLTMANN, 1896).

No Togo, houve desmatamento para algumas culturas de frutos tropicais, como cacau e banana, na faixa costeira. Em Kamerun houve o manejo artificial de pastagens em certas áreas do interior como em Dschang, em terras altas onde foi instalada uma estação experimental para a pecuária, inclusive com a introdução de gado zebu e cavalos de Adamaua.¹⁸ Em Dschang não havia a mosca tsé-tsé o que era importante para o desenvolvimento da pecuária.¹⁹

Na África Oriental Alemã, a cultura do sisal e de outras plantações também demandou a derrubada e a queimada de matas, introduzindo técnicas para o desenvolvimento da agro-exportação que não eram usadas pelos agricultores nativos.²⁰ Além de um imperativo da economia colonial, o desmatamento também atendia medidas de saneamento para a sobrevivência dos imigrantes alemães.

Mesmo que medidas radicais como o desmatamento e o extermínio de animais selvagens fossem defendidas por eminentes médicos como o Dr. Robert Koch, a “germanização” da paisagem africana não passou de um projeto desastroso do colonialismo alemão.²¹

Provavelmente, os imigrantes alemães não faziam ideia de que suas ações isoladas teriam o impacto ambiental que tiveram por causa do efeito agregado de suas intervenções, realizadas para aumentar a produtividade econômica de suas atividades em detrimento do meio-ambiente.

¹⁸ Kolonie und Heimat. In Wort und Bild, Berlin, 07.11.1909.

¹⁹ Kolonie und Heimat. In Wort und Bild, Berlin, 10.10.1909.

²⁰ “Wie in Ostafrika eine Plantage entsteht”, in Kolonie und Heimat. In Wort und Bild, Berlin, 27.02.1910, S.02-3

²¹ Na colônia alemã de Kamerun, o desmatamento foi proposto pelo médico alemão Dr. Nägele. Cf. BAUCHE, Manuela. Trypanosomen und Tinbeef – Medizinisches Wissen um Schlafkrankheit zwischen Kamerun und Deutschland, 1910-1914, in: SEIFERT, Marc et al. (Hrsg.) Beiträge zur I. Kölner Afrikawissenschaftlichen Nachwuchstagung.

Essas atividades econômicas foram desenvolvidas, em sua maioria, com investimentos de capital privado e por meio de sociedades autônomas ou companhias limitadas. Na África Oriental Alemã, por exemplo, a *Deutsch-Ostafrikanische Plantagengesellschaft* desenvolveu diferentes culturas agrícolas (tabaco, café, sisal...) de 1886 até 1910. Outras sociedades plantaram café, como, por exemplo, a *Usambara-Kafeebau-Gesellschaft*, e sisal, como a *Deutsche Agaven-Gesellschaft*, e ainda outros produtos em diferentes distritos (Usambara, Tanga, Pangani...) da África oriental (WAIBEL, 1935, p. 179).

Cabe ressaltar que houve um aumento enorme da área cultivada de propriedade de europeus na África Oriental Alemã, isto é, de 8.235 hectares em 1902 para 81.831 hectares em 1912, sendo os principais produtos cocos, algodão, sisal e borracha (Idem, p.180). Do café produzido na África Oriental Alemã em 1912, 57% provinham de propriedades de europeus (Idem, p.194). Do cacau produzido em Kamerun em 1912, 85% provinham de proprietários europeus (Idem, p. 358). No Togo, apenas 1.443 hectares eram cultivados em propriedades de europeus em 1912 (Idem, p. 342).

Nas “Alemanhas tropicais”, o desmatamento ocorreu mais para o plantio de culturas de agro-exportação ou para o escoamento da produção da hinterlândia.²² Houve também desmatamento na “África alemã” para beneficiamento e exportação da madeira.

Durante o colonialismo alemão, o transporte ferroviário foi um imperativo para o escoamento da produção colonial. Para a construção das ferrovias foram derrubadas grandes extensões de florestas em regiões do Togo, Kamerun e em alguns distritos da África Oriental Alemã. A derrubada das matas ao longo dos trilhos era também vista como uma medida de saneamento para evitar o contágio de algumas doenças tropicais. Com a expansão das estradas de ferro, o interior da África tropical era integrado à economia colonial. Agricultura, pecuária e mineração adentravam o continente africano na medida que a estrada de ferro garantia o escoamento da produção até os portos de exportação do litoral.

Economia colonial e recursos naturais na África subtropical

Talvez a colônia alemã do sudoeste africano (atual Namíbia) foi aquela que mais se aproximou à idealização da propaganda pangermanista do II Reich devido à sua localização em região subtropical. Mas uma leitura acurada das matérias sobre as colônias africanas na

²² Imagens das técnicas rudimentares, inclusive com queimadas, para o preparo da terra para o plantio de culturas para a agro-exportação foram reproduzidas na matéria “Wie in Ostafrika eine Plantage entsteht”, in *Kolonie und Heimat*. In *Wort und Bild*, Berlin, 27.02.1910, S.02-03.

revista *Kolonie und Heimat* ou nos jornais em língua alemã de Lüderitzbucht, Windhoek ou Swakopmund, permite perceber, contudo, a discrepância entre o projeto e a realidade colonial. Assim como as colônias alemãs na África tropical, a colônia alemã do sudoeste africano se organizou com base no latifúndio e quase que exclusivamente para um mercado externo. Ao invés de plantações (cacau, sisal, café, etc.), a economia colonial se orientou basicamente para a criação de gado bovino, de cavalos, caprinos e avestruzes). Cabe salientar que a maioria das raças de cavalos, de gado vacum, de caprinos e avestruzes foram importados da Europa, da Argentina, da África do Sul e mesmo da Austrália.

A extração de minérios (cobre, diamantes, fósforo, chumbo, etc.) teve papel importante na economia colonial na África subtropical, bem como o extrativismo do guano e a caça ao leão marinho e à baleia. Apesar de exportado para a Alemanha, o guano abastecia muito o mercado interno, era um fertilizante natural para as fazendas dos alemães e bôeres.

O extrativismo do guano foi uma atividade econômica realizada por sociedade de capital privado.²³ A serviço da Sociedade de Colonização Alemã, um inglês descobriu guano em Cabo Cross em 1894.²⁴ Desde então, a *Damaraland Guano Company Limited* fazia a extração do guano com mão-de-obra nativa.²⁵ Essa companhia durou uma década, pois foi dissolvida em 1904.²⁶

Na virada do século, eram extraídas anualmente 8 a 10 toneladas em Cabo Cross.²⁷ Segundo o jornal de Swakopmund, numa determinada localidade, as aves chegaram a produzir 150 toneladas de guano em 6 anos.²⁸

Em algumas ilhas onde se extraía o guano também se caçava o leão marinho. A temporada de caça durava, em geral, três meses. Em 1901, o valor da pele havia sofrido uma queda, sendo que uma boa parte das 3.000 peles do ano anterior ainda estava estocada na Cidade do Cabo.²⁹

Em matéria especial sobre a caça ao leão marinho, tem-se a informação que as peles dos filhotes e dos animais até um ano de idade tinham mais valor no mercado. No jornal de Swakopmund, tratou-se da caça aos leões marinhos como uma promissora atividade econômica, referindo-se às ilhas, à temporada de caça e ao ciclo dos animais.³⁰ O método de

²³ No jornal de Windhoek há notícias sobre as atividades de extração do guano desde o final do século XIX. Cf. *Windhoeker Anzeiger*, 19.01.1899; *Windhoeker Anzeiger*, 17.08.1899.

²⁴ *Deutsche Südwestafrikanische Zeitung*, Swakopmund, 17.08.1899.

²⁵ *Deutsche Südwestafrikanische Zeitung*, Swakopmund, 14.10.1901.

²⁶ *Deutsche Südwestafrikanische Zeitung*, Swakopmund, 20.07.1904.

²⁷ *Deutsche Südwestafrikanische Zeitung*, Swakopmund, 30.10.1901.

²⁸ *Deutsche Südwestafrikanische Zeitung*, Swakopmund, 24.01.1911.

²⁹ *Deutsche Südwestafrikanische Zeitung*, Swakopmund, 11.12.1901.

³⁰ “Die Robben an der deutsch-südwest-afrikanischen Küste” (Teil I), Beilage zur *Deutsch-Südwestafrikanischen Zeitung*, 28.09.1907.

caçar e abater os leões marinhos foi tema de uma matéria especial do jornal local.³¹ Mas a caça aos leões marinhos estorvava as aves em certas localidades insulares onde se extraía o guano.³² A pescaria naquela parte da costa também era considerada uma atividade haliêutica promissora, porém a pesca e a caça aos leões marinhos pareciam estar em rota de colisão.³³

Além do guano, os ovos dos pinguins tiveram uma certa procura, ao menos, na África do Sul, de onde eram exportados como *délicatesse* para restaurantes londrinos, segundo notícia do jornal de Swakopmund.³⁴

Na costa do sudoeste africano, entre as atividades haliêuticas, houve ainda a caça à baleia por duas sociedades baleeiras, ambas fundadas em 1912 (SCHMIDT, 2001, p. 55). Já em 1911, especulava-se sobre uma sociedade hamburguesa interessada em caçar baleias nas águas da África austral.³⁵ Também uma empresa baleeira de Durban demonstrou interesse em se estabelecer nas proximidades de Swakopmund.³⁶

Aliás, o empreendimento baleeiro foi considerado um importante incremento para o desenvolvimento da economia colonial do sudoeste africano.³⁷



³¹ “Die Robben an der deutsch-südwest-afrikanischen Küste” (Teil II), Beilage zur Deutsch-Südwestafrikanischen Zeitung, 02.10.1907.

³² Deutsche Südwestafrikanische Zeitung, Swakopmund, 23.03.1907.

³³ Deutsche Südwestafrikanische Zeitung, Swakopmund, 12.06.1907.

³⁴ Deutsche Südwestafrikanische Zeitung, Swakopmund, 21.07.1911.

³⁵ Lüderitzbuchter Zeitung, Lüderitzbucht, 17.06.1911.

³⁶ Deutsche Südwestafrikanische Zeitung, Swakopmund, 02.08.1912.

³⁷ “Eine neue Industrie für Lüderitzbucht”, Swakopmunder Zeitung, Swakopmund, 23.05.1912.

Mas se houve a exploração de certos recursos marinhos, os recursos minerais foram, sem dúvida, aqueles que mais suscitarão a possibilidade de enriquecimento rápido, especialmente depois da descoberta de diamantes nas proximidades de Lüderitzbucht, primeiro bastião do colonialismo alemão na África.³⁸ Aliás, se não fosse a exploração de diamante, o povoado de Lüderitzbucht seria um lugar mais ermo, pois, ainda no início do século XX, um navio-pipa da Cidade do Cabo fazia regularmente o abastecimento de água potável.

Além do diamante, o mármore também foi explorado por sociedade de capital privado numa área total de 80.000 hectares.³⁹ Da região de Kaoko, o mármore era exportado para a Alemanha.⁴⁰ Aquela região era rica em outros minérios como ferro. Expedições buscavam ainda por minas de cobre e chumbo. Em 1911, havia planos de se procurar naquela altura da costa por diamante, fosfato e guano.⁴¹

Em relação à pecuária, as pastagens naturais do sudoeste africano eram insuficientes para o pastoreio dos grupos nativos (hereros e namas) e mestiços (como os de Rehoboth) e ainda para o gado dos fazendeiros alemães e bôeres. A pecuária introduzida pelos alemães e seus vizinhos bôeres fomentou uma competição ecológica com grupos nativos em várias regiões africanas. Não apenas as melhores pastagens foram privatizadas pelos fazendeiros brancos, como houve também o confisco do gado de pastores nativos endividados. Houve também a peste bovina no final do século XIX, responsável por uma drástica redução dos rebanhos dos pastores nativos, e ainda outros problemas decorrentes da introdução de uma “pecuária moderna”. Essa crise ecológica acirrou a tensão nas relações étnicas no sudoeste africano que redundaram na guerra colonial (1904-1907).

Mas além da disputa pelas pastagens e pelo controle do território, havia a concorrência pelas escassas fontes de água. Para o engenheiro alemão Theodor Rehbock a colônia do sudoeste africano dependia de uma solução hidráulica para o desenvolvimento de sua economia (REHBOCK, 1900). Se na África tropical, a floresta era o maior obstáculo natural, na África subtropical era o deserto. Nesse sentido, a ferrovia foi fundamental para o transporte do cobre, mármore, diamante, do guano, do gado etc. A ferrovia foi considerada um símbolo da vitória da civilização sobre a natureza inóspita do deserto do sudoeste africano, como apareceu

³⁸ “Bilder von Diamantenfelder in Südwest”, in *Kolonie und Heimat*. In Wort und Bild, Berlin, 16.09.1910; “Auf den Lüderitzbuchter Diamantenfeldern”, in *Kolonie und Heimat*. In Wort und Bild, Berlin, 19.02.1911

³⁹ “Marmorvorkommen in Südwest”, in *Nachrichtenbeilage zu Kolonie und Heimat*, Nr.11, S.02, Berlin, 13.02.1910.

⁴⁰ *Deutsche Südwestafrikanische Zeitung*, Swakopmund, 30.10.1901.

⁴¹ *Deutsche Südwestafrikanische Zeitung*, Swakopmund, 30.05.1911.

ilustrado em matéria da revista *Kolonie und Heimat*.⁴²

Em 1914, a colônia alemã do sudoeste africano foi ocupada por tropas sul-africanas sob comando britânico. O fim do colonialismo alemão na África subtropical não significou, contudo, o término da exploração dos recursos naturais da forma como estava estruturada desde o final do século XIX, ou seja, com a participação do capital privado de sociedades autônomas ou companhias limitadas. Cabe destacar que algumas atividades como a caça ao leão marinho e o extrativismo do guano na costa do sudoeste africano já tinham a participação dos ingleses, assim como havia na pecuária e na mineração a presença dos bôeres.

Extinção de espécies nativas e invasão biológica de espécies exóticas

A introdução de animais e plantas exóticas foi marcante na paisagem africana durante o colonialismo alemão. Porém, a invasão biológica de algumas espécies comprometeu a sobrevivência de espécies nativas. Afinal, a agricultura e a pecuária praticadas pelos imigrantes alemães e seus descendentes foram atividades econômicas que exigiram desmatamento, manejo de pastagens artificiais e a introdução de animais e plantas exóticas que competiam com as espécies nativas pelos sempre limitados recursos naturais. Por outro lado, as derrubadas e as queimadas destruíam o habitat de animais selvagens.

A caça praticada pelos imigrantes alemães também foi responsável pelo forte decréscimo e mesmo extinção de certas espécies de animais selvagens na África. Além dos colonos alemães, oficiais e soldados da *Schutztruppe*, comerciantes e funcionários da administração colonial caçavam. O troféu de caça era muito cobiçado pela cultura colonial. A decoração de residências coloniais, salas de hotéis, restaurantes, clubes e associações era marcada por elementos da caça (animais empalhados ou cabeças de animais como troféus ou simplesmente peles ou chifres). Além da caça esportiva, havia a caça comercial, sobretudo aquela orientada para o mercado de plumas, peles e marfim.

Na África Oriental Alemã houve ainda a matança por ordem expressa do governo colonial. Em 1910, o governador Rechenberg ordenou o extermínio de vários animais selvagens nas proximidades do Kilimandjaro afim de proteger o gado dos fazendeiros de uma eventual contaminação já que a peste bovina teria sido detectada na vizinha colônia britânica. Assim, o “cordão sanitário” foi realizado em detrimento de milhares de animais selvagens. Alguns naturalistas alemães como Paul Matschie e Carl George Schillings chegaram a chamar de

⁴² “Der Sieg der Kultur”. *Kolonie und Heimat*. Im Wort und Bild, n.11, Berlin, 12/02/1910, p.08.

escândalo civilizatório (*Kulturskandal*) a matança promovida sob as ordens do governador Rechenberg (CORREA, 2011).

Escusado lembrar que a ideia de civilização nos trópicos moldurava um pensamento científico em prol do desenvolvimento das colônias em detrimento da vida selvagem. Já em 1908, no mesmo ano que passou a vigorar a nova ordenança de caça na África Oriental Alemã, o eminente bacteriologista e prêmio Nobel de medicina, Dr. Robert Koch (1843-1910) propôs o extermínio de algumas espécies da fauna bravia para erradicar a doença-do-sono em certas regiões já que havia sido comprovado que a mosca tsé-tsé se alimentava também do sangue de certos animais selvagens (KOCH, 1908).

Apesar da matança, o interior da África Oriental Alemã se mostrava inóspito à colonização alemã. Além das doenças tropicais, as distâncias e o meio geográfico dificultavam a interiorização do colonialismo. Mesmo que as terras altas fossem visadas pelos poucos imigrantes alemães pelas condições mais favoráveis de adaptação ao clima, a revolta Maji-Maji havia inibido os projetos de colonização. Nesse sentido, a paisagem da hinterlândia da África Oriental Alemã foi pouco alterada pelo colonialismo, se resumindo a uma estrada de ferro, uma estação missionária, uma fazenda aqui, outra acolá. Porém, em termos ambientais, a introdução de plantas exóticas provocou invasão biológica, novas pragas e a redução da biodiversidade, sobretudo pelo desmatamento preliminar às culturas de agro-exportação como a da borracha, inclusive com plantas do norte do Brasil.⁴³ Cabe salientar que a plantação de seringais de origem brasileira na África Oriental Alemã datava do final do século XIX (WOHLTMANN, 1898).⁴⁴ Além da seringueira brasileira, outras plantas como a agave mexicana foram introduzidas nas colônias alemãs, sobretudo na África Oriental Alemã (WAIBEL, 1935, p. 186).

⁴³ “Anzapfen eines Kautschukbaumes”, *Kolonie und Heimat*. In *Wort und Bild*, Berlin, 13.03.1910, S.14.

⁴⁴ Sobre três tipos de borracha de origem brasileira, ver também “Kautschuck-Kultur”, *Deutsche Ostafrikanische Zeitung*, Dar es Salaam, 07.04.1900.



Em relação ao cacau, os alemães experimentaram várias espécies em suas *plantations* na África tropical, como cacau das ilhas da Guiné, de Trinidad e um híbrido da América Central. Além do cacau, outras plantas tropicais exóticas foram introduzidas na “África alemã”. No centro e sul da colônia de Kamerun, imigrantes alemães com experiência agrícola em Sumatra introduziram o tabaco (Idem, p.361). Na colônia alemã do sudoeste africano, o tabaco também foi introduzido pelos imigrantes alemães.⁴⁵ Assim, em diferentes partes do império alemão eram adaptadas plantas com a finalidade de desenvolver a economia colonial. Para isso, o *know-how* adquirido na prática de agricultura tropical numa colônia poderia servir para a introdução de novas culturas alhures. Além da cultura do tabaco em Kamerun, foi o caso também da plantação de cacau em Samoa, introduzida por imigrantes alemães com experiência africana.⁴⁶

Do lado do Atlântico, as paisagens africanas do Togo, Kamerun e Namíbia foram modificadas pelo colonialismo alemão, assim como aconteceu em outras áreas do Índico e do Pacífico, como demonstra a coletânea de imagens das paisagens coloniais de Ferdinand Wohltmann (WOHLTMANN, 1904).

Na África Oriental Alemã, o potencial dos recursos florestais já era discutido pela imprensa local no início do século XX. Escusado lembrar que a imprensa fazia a apologia da imigração alemã ao designar os alemães como “pioneiros da civilização” (*Pionieren der Kultur*), ou seja,

⁴⁵ “Neues von Tabakbau in Südwest”, in *Kolonie und Heimat*. In *Wort und Bild*. Berlin, 13.03.1910, S.06.

⁴⁶ “Der Kakao. Seine Kultur und Verarbeitung”, *Kolonie und Heimat*. In *Wort und Bild*. Berlin, 12.02.1911, S.2-3.

como gente capaz de transformar a natureza selvagem em paisagem cultural.⁴⁷

A economia colonial diante das pragas

A história da África colonial sob domínio alemão foi marcada por pragas e catástrofes. Nos jornais da imprensa colonial em língua alemã há uma quantidade enorme de matérias sobre as pragas que acometiam a agricultura. Assim, bactérias, fungos e insetos eram combatidos com o auxílio da indústria química de agrotóxicos.

Métodos contra cupins e formigas também eram compartilhados pelos alemães de diferentes lugares. Na revista *Kolonie und Heimat*, por exemplo, um alemão de Erfurt fez sugestão aos compatriotas na colônia alemã do sudoeste africano para combater a praga de cupins e formigas.⁴⁸ Já no jornal de Lüderitzbucht foi publicada uma notícia sobre um meio eficaz de combater as formigas no Sul do Brasil.⁴⁹ No jornal de Dar es Salaam, algumas matérias sobre cupins tratavam desses insetos como pragas em plantações de tabaco.⁵⁰

Outras pragas atacavam as lavouras. Além de uma nova praga nos cafezais, um possível fungo teria sido o responsável pelos prejuízos nas plantações de sorgo na África Oriental Alemã.⁵¹ No sudoeste africano, uma matéria do jornal de Lüderitzbucht tratou da praga no algodão causada por um fungo (*Kräuselkrankheit*).⁵²

Na África Oriental Alemã, as pragas não eram só relacionadas à agricultura. Os jornais chegam a mencionar uma “praga de leões”.⁵³ Inclusive, jornais em língua alemã do Sul do Brasil também noticiaram sobre os leões que “infestavam” as cercanias de Dar es Salaam.⁵⁴

Importante ressaltar que algumas atividades econômicas como a extração mineral (diamante, cobre, mármore, etc.), a agro-exportação das *plantations* (cacau, sisal, algodão, etc.) e a pecuária extensiva criaram condições favoráveis para o aumento de pragas, de epidemias e de novas zonas endêmicas. O aumento da circulação de animais, de trabalhadores nativos e mercadorias pelos portos das colônias e a interiorização do colonialismo com a ampliação da rede ferroviária por vários biomas e ecossistemas favoreceram a dispersão de doenças como a

⁴⁷ “Die Holzschätze unserer Kolonie und ihre Ausnutzung”, Deutsche Ostafrikanische Zeitung, Dar es Salaam, 14.09.1901.

⁴⁸ “Ein Mittel gegen die Termiten – und Ameisenplage?” in Nachrichtenbeilage zu Kolonie und Heimat, S.03, Berlin, 27.02.1910.

⁴⁹ “Vermischte Nachrichten”, Lüderitzbuchter Zeitung, Lüderitzbucht, 18.10.1922.

⁵⁰ Deutsche Ostafrikanische Zeitung, Dar es Salaam, 17.02.1900; Deutsche Ostafrikanische Zeitung, Dar es Salaam, 31.03.1900.

⁵¹ “Zwei neue Kulturschädlinge”, Deutsche Ostafrikanische Zeitung, Dar es Salaam, 9.11.1901.

⁵² “Ein Mittel gegen die Kräuselkrankheit der Baumwolle”, Lüderitzbuchter Zeitung, Lüderitzbucht, 24.02.1912.

⁵³ “Vermischtes”, Deutsche Ostafrikanische Zeitung, Dar es Salaam, 7.09.1901.

⁵⁴ “Afrika”, Fortschritt, Santa Cruz, 09.01.1904.

peste bovina, a malária e a doença-do-sono.

Considerações finais

A adesão de Bismarck ao colonialismo suscita controvérsias na historiografia alemã. Porém, a sua posição favorável à participação do capital privado no projeto colonial é consenso entre os historiadores. Por meio de concessão às companhias ou sociedades de comércio, os custos com a gestão e administração das colônias não ficariam sob a responsabilidade do Império alemão. As companhias ou sociedades de comércio deveriam manter a ordem colonial em troca do direito concedido de um certo monopólio comercial sob determinados territórios. A participação do governo seria mais de proteção diplomática e militar, se necessário (WESSELING, 2002, p. 216). No entanto, essa política de concessão não obteve os resultados esperados e o II Reich acabou tendo que arcar com os custos da gestão e administração colonial na África. Assim, a dificuldade em atrair investimentos para o projeto colonial foi uma constante durante os 30 anos de experiência colonial alemã (1884-1914). Todavia, a privatização dos recursos naturais da África tropical e subtropical foi uma política deliberada desde o início do colonialismo alemão.

Apesar da reserva de Bismarck em onerar os cofres públicos com a administração colonial, as colônias alemãs na África se tornaram uma realidade a partir de 1884, mas o número total de imigrantes alemães em todas as colônias não ultrapassou os 20.000 em trinta anos. Em termos econômicos, as colônias representavam menos de 1,0% do comércio exterior da Alemanha em 1914 (WESSELING, 2009, p. 263).

Apesar disso, os imigrantes alemães lograram modificar radicalmente a paisagem colonial em três décadas. Tal modificação na paisagem não ocorreu sem impactos ambientais. Um balanço crítico dos efeitos ecológicos do colonialismo na África ainda está por ser feito pela história ambiental.

Em termos de ecologia humana, por exemplo, um dos maiores impactos da colonização alemã se deu sobre a população nativa. Na África colonial, a “disputa ecológica” entre os nativos e os adventícios teve suas particularidades. O colonialismo alemão não logrou atrair um contingente expressivo de colonos europeus para o continente africano. Assim, o trabalho dos africanos era imprescindível à economia colonial. Apesar disso, o discurso imperial do II Reich enfatizava a imigração alemã, mesmo que mínima, para que fossem cumpridos os papéis pré-estabelecidos de uma sociedade colonial de estrutura hierárquica entre adventícios e nativos. Sem imigração alemã, mesmo que em pequeno número, não haveria os “donos do

poder” na África colonial sob domínio alemão.

Durante o colonialismo alemão, a imigração e a privatização dos recursos naturais na África tropical e subtropical contribuíram, no entanto, para fundar as bases do capitalismo, sobre as quais outros grupos de capital estrangeiro – notadamente ingleses e sul-africanos - continuariam a exploração dos recursos e a degradação do meio ambiente no período *post-bellum*.

Referências

ADAMS, William M. “Nature and the Colonial Mind,” in ADAMS, W.; MULLIGAN, Martin (eds) *Decolonizing Nature: Strategies for Conservation in a Post-Colonial Era*. London, 2003, p.16–50.

CARSTENS, Cornelia, und Gerhild Vollherbst. „'Deutsche Frauen nach Südwest!' - Der Frauenbund der Deutschen Kolonialgesellschaft." In *Kolonialmetropole Berlin*, von Ulrich van der Heyden und Joachim Zeller, 50-56. Berlin, 2002.

CORREA, Sílvio M. S. “Ou temos uma colônia ou um jardim zoológico”: Sociedade e Ambiente na “África Alemã”, I Encontro Internacional de Estudos Africanos, Rio de Janeiro: UFF, 2011.

DIETRICH, Anette. 'Weiße Weiblichkeiten'. Konstruktion von 'Rasse' und Geschlecht im deutschen Kolonialismus. Bielefeld, 2007.

ECKART, Wolfgang. Die Medizin und das „Grossere Deutschland“. *Kolonialpolitik und Tropenmedizin in Deutschland, 1884- 1914. Berichte zur Wissenschaftsgeschichte* 13 (1990) 129- 139.

ELIAS, Nobert. *Über den Prozess der Zivilisation*. Basel: Verlag Haus zum Falken, 1939.

ISOBE, Hiroyuki, *Medizin und Kolonialgesellschaft: Die Bekämpfung der Schlafkrankheit in den deutschen Schutzgebieten. Tropenmedizin vor dem Ersten Weltkrieg*, Berlin: LIT Verlag, 2009.

KOCH, Robert. *Über meine Schlafkrankheits-Expedition. Vortrag gehalten in der Abteilung Berlin-Charlottenburg der Deutschen Kolonialgesellschaft*, Berlin: Dietrich Reimer, 1908.

LORENZ, Stella. “Processos de purificação: expectativas ligadas à emigração alemã para o Brasil (1880-1918) *Espaço Plural*, Ano IX, N. 19, 2008, p.34.

REHBOCK, Theodor. *Die Besiedelung Deutsch-Südwestafrikas*. Berlin: DKG, 1900.

SCHMIDT, Wilhelm u. WOLCKE-RENK, I. *Deutsch-Südwest-Afrika. Fotos aus der Kolonialzeit. 1884-1918*. Erfurt: Sutton Verlag GmbH , 2001, p.55.

SEIDEL, A. *Dar es Salaam. Die Hauptstadt Deutsch-Ostafrikas*, Berlin, 1898.

SMIDT, Karen. 'Germania führt die deutsche Frau nach Südwest' Auswanderung, Leben und soziale Konflikte deutscher Frauen in der ehemaligen Kolonie Deutsch-Südwestafrika 1884 - 1920. Eine sozial- und frauengeschichtliche Studie. Magdeburg, 1997.

STRANDMANN, Hartmut Pogge von. Imperialismus vom Grünen Tisch. Deutsche Kolonialpolitik zwischen wirtschaftlicher Ausbeutung und „zivilisatorischen“ Bemühungen, Berlin: Ch.Links-Verlag, 2009.

TODZI, Kim Sebastian. Rassifizierte Weiblichkeit. Der „Frauenbund der deutschen Kolonialgesellschaft“ zwischen weiblicher Emanzipation und rassistischer Unterdrückung, Universität Hamburg, 2008.

WÄCHTER, H. Jürgen. Naturschutz in den deutschen Kolonie in Afrika (1884-1918). Berlin: Lit Verlag, 2008.

WAIBEL, Leo. Die Rohstoffgebiete des tropischen Afrika, Leipzig, 1935.

WALGENBACH, Katharina. 'Die weiße Frau als Trägerin deutscher Kultur'. Koloniale Diskurse über Geschlecht, 'Rasse' und Klasse im Kaiserreich. Frankfurt/M, 2005.

WESSELING, Henri. Le partage de l'Afrique. Folio, 2002.

WESSELING, Henri. Les empires coloniaux européens. Folio, 2009.

WOHLTMANN, F. Der Plantagenbau in Kamerun und seine Zukunft. Drei Reiseberichte. Berlin: Verlag F. Telge, 1896.

WOHLTMANN, F. Deutsch-Ostafrika. Bericht über die Ergebnisse seiner Reise, ausgeführt im Auftrage der Kolonial-Abteilung des Auswärtigen Amtes, Winter 1897/98. Berlin: Verlag F. Telge, 1898.

WOHLTMANN, Ferdinand. 120 Kultur- und Vegetations-Bilder aus unseren Deutschen Kolonien. Berlin: Verlagsbuchhandlung Wilhelm Süsserott, 1904.